

---

## Coroa de glória, lágrimas de sangue: a rebelião dos escravos de Demerara em 1823

autora	Emília Viotti da Costa
tradução	Anna Olga de Barros Barreto
cidade	São Paulo
editora	Companhia das Letras
ano	1998

Contar a história de uma das maiores rebeliões escravas ocorridas no Caribe do século XIX, na forma de um “romance polifônico”, em que a fala de todos os envolvidos é resgatada a fim de contar uma história que não é apenas memória, mas principalmente metáfora, é o objetivo de Emília Viotti da Costa no livro *Coroas de glória, lágrimas de sangue: a rebelião dos escravos de Demerara em 1823*.

Emília Viotti da Costa, professora de história, foi livre-docente da Universidade de São Paulo, tendo sido aposentada pelo AI-5 em 1969. Foi para os Estados Unidos, onde leciona na Universidade de Yale. É autora de *Da senzala à Colônia* (1966) e *Da monarquia à República: momentos decisivos* (1977), entre outras obras.

Criticando tanto a visão simplista herdada da Nova História que valoriza apenas o cotidiano, os feitos pessoais, em que a estrutura não é levada em conta, quanto a história do ponto de vista marxista, em que apenas o macro é importante, em que os acontecimentos, as apropriações, as pessoas não são resgatadas, como se a conjuntura não influenciasse na estrutura, Emília Viotti da Costa tem sempre presente a preocupação de “unir macro e micro-história, já que é impossível compreender uma sem a outra” (p. 19).

O livro se divide em sete capítulos: “Mundos contraditórios: colonos e missionários”, “Mundos contraditórios: senhores e escravos”, “A fornalha ardente”, “Um devotado missionário”, “Vozes no ar”, “Um homem nunca está seguro” e “Uma coroa de glórias que não se esvanece”.

Primeiramente é apresentado o contexto histórico em que se encontram colônia e metrópole. Demerara é uma colônia cheia de

especificidades: originalmente holandesa, em consequência das guerras européias muda de mãos diversas vezes durante os séculos XVIII e XIX. Em 1815 é definitivamente incorporada ao Império Britânico; alguns holandeses permanecem como fazendeiros, assim como traços de sua administração e costumes. Produz cacau, algodão, café e açúcar, sendo utilizada a mão-de-obra escrava africana, mesmo num período em que a abolição já havia sido decretada na metrópole. O padrão de povoamento da ilha, em que os canais e rios representam papel fundamental no escoamento da produção, fez com que as fazendas fossem organizadas ao lado desses, o que proporcionou uma alta concentração dos escravos, a maioria esmagadora da população (apenas quatro por cento eram brancos), em uma área geográfica relativamente circunscrita.

O século XIX, período tratado no livro, era um período de intensa agitação na Inglaterra: Independência das Treze Colônias, a Revolta do Haiti e, principalmente, a Revolução Francesa estavam no imaginário da população. Ao mesmo tempo era o início da Revolução Industrial, com a superexploração dos trabalhadores. Nesse contexto eclode a campanha abolicionista, que arregimenta milhares, pessoas principalmente oriundas da classe popular. Com sua preocupação constante em demonstrar que a história é sempre apreendida como metáfora da realidade, Viotti mostra a importância dessa participação popular na luta abolicionista: para os trabalhadores, “a abolição estava firmemente vinculada à questão da reforma na metrópole” (p. 25). A própria elite que lutava pela abolição alarma-se com a proporção tomada pela campanha abolicionista e tenta reprimi-la.

É nesse ambiente que os missionários evangélicos enviados para as colônias inglesas são formados. A maioria deles é oriunda de camadas baixas da população e imbuída dos ideais dessa classe. Assim, os missionários – apoiados pelo governo metropolitano – são rejeitados pelos colonos, que os vêem como dupla ameaça: de um lado percebem a subversão contida em suas práticas, de outro temem a intervenção metropolitana em seus domínios. É nesse contexto de conflitos que o primeiro missionário da London Missionary Society (LMS) vai para Demerara. A LMS foi uma tentativa de organização não-sectária que congregava missionários de diferentes seitas, tanto dissidentes como membros da Igreja Anglicana, numa cruzada universal: a instrução religiosa dos gentios. Seus missionários estavam espalhados nas

colônias do Caribe, na Ásia e na África. Demerara nunca recebera missionários dessa sociedade por resistência dos colonos. Entretanto, é um colono holandês, cristão e preocupado com a salvação de seus escravos que manda vir o primeiro missionário, John Wray. Isso é um sinal também de que os conflitos não são apenas externos, contra a metrópole ou os abolicionistas, mas também internos, entre os próprios colonos. A autora demonstra como os conflitos estão presentes em diferentes instâncias: colonos *x* metrópole, colonos ingleses *x* colonos holandeses, brancos *x* escravos, brancos *x* negros livres, mulattos *x* negros, libertos *x* escravos etc. Wray tem grande importância na história da revolta, pois foi o iniciador da prática religiosa entre os escravos. Ele sofre diversas dificuldades: resistência e hostilidade dos colonos, dificuldade de compreender o mundo dos escravos, o que é acirrado pelo momento histórico, em que convivem crise econômica, concorrência dos mercados asiáticos e crise no sistema escravista. Os confrontos com a metrópole são instigados pela presença dos missionários, usados como bodes expiatórios dos colonos.

A autora realiza uma ampla discussão sobre o protestantismo inglês. O debate é fundamentalmente entre historiadores que seguem a linha de Thompson, que consideram o metodismo como uma tentativa dos líderes domarem – através da ética do trabalho, da disciplina etc. – o impulso radical vivido pela classe trabalhadora, e a preocupação de Emília Viotti em demonstrar a diferença entre o que é emitido e o que é recebido. Para ela a visão de Thompson é incompleta, pois não leva em conta o modo como a mensagem é recebida: ela argumenta que por meio de cisões, como Nova Conexão e Metodismo Primitivo, surgiam interpretações mais radicais da Bíblia, com participação mais popular e democrática. O discurso evangélico é apreendido pela classe trabalhadora e arregimenta milhares com seus ideais de fraternidade universal, vocação, autodisciplina, autoconfiança, frugalidade etc., práticas bem diferentes das que os trabalhadores percebem na classe dominante. A ética desse novo cristianismo evangélico é subversiva tanto na colônia escravocrata (onde os senhores não desejavam a presença de missionários entre os escravos) quanto na Inglaterra (onde o que reinava era a hierarquia e o patronato).

John Wray permanece em Demerara por mais de uma década, mas por fim não resiste à “fornalha ardente” que é, segundo suas palavras, a vida lá, e é transferido para Berbice. A LMS envia para

Demerara John Smith e sua esposa, Jane. A autora frisa que foi na “atmosfera de revolta e repressão, intensa polarização de classes e mudanças sociais e econômicas que John Smith atingiu a maioria. Como muitos outros de sua geração, ele encontrou no cristianismo evangélico um antídoto para as ansiedades e confusões desencadeadas por tais processos” (p. 28). Ele é de origem modesta, carpinteiro, muito jovem, para quem a carreira missionária é vista como possibilidade de ascensão tanto social (ir para o trabalho missionário significa deixar para trás as preocupações mundanas com a sobrevivência) quanto moral – trabalhar para a “obra do Senhor” é motivo de orgulho, um trabalho que traria como resultado uma “coroa de glória” para Smith.

Smith teve apenas seis meses de treinamento para o trabalho missionário. Quando ele chega em Demerara encontra uma situação ainda mais tensa do que Wray, em razão do acirramento da crise econômica e resistência dos colonos. Eles acusam os missionários de incutirem a subversão entre os escravos. Viotti mostra como as diferentes apreensões são realizadas. John Smith crê piamente que está salvando apenas almas, não corpos, que suas palavras servem para que os escravos se submetam a seu destino, que ele está apaziguando a situação. Ele não percebe que as mesmas palavras usadas com esses objetivos são apreendidas pelos escravos de modo muito diferente, ainda mais quando se trata da linguagem ambígua da Bíblia. Ao mesmo tempo em que acredita nisso, o missionário é contaminado pela causa abolicionista. Vivendo na fazenda, tendo como maioria de companheiros os escravos, ele é influenciado por eles, sofre com os castigos, com a arbitrariedade dos senhores, com as injustiças. A tentativa de impor a moralidade cristã aos escravos esbarra nas práticas coloniais, nas quais nem os próprios brancos seguiam aquelas regras. Assim se dá, para Smith, a percepção da incompatibilidade entre escravidão e cristianismo: “tudo que era importante para Smith – ‘justiça’, ‘sentimento cristão’, ‘dignidade humana’ – estava degradado na sociedade escravista” (p. 185).

A revolta eclode depois de sete anos de Smith na colônia. Viotti apresenta dois elementos-chave para a eclosão da revolta: primeiro, os debates que ocorriam na Inglaterra sobre novas leis que melhorariam a vida dos escravos e num segundo momento trariam a abolição; e segundo, a proibição feita pelos senhores de os escravos freqüentarem

a capela sem sua autorização por escrito. Essa era uma norma que existia na colônia, mas havia muito tempo vinha sendo desrespeitada. Quando essa regra é resgatada pelos senhores, os escravos percebem isso como uma afronta às resoluções da Inglaterra sobre melhorias para eles. Cerca de dez mil escravos se sublevam em Demerara, mas a rebelião é considerada pacífica, já que apenas quatro ou cinco brancos foram mortos, principalmente se considerarmos a proporção entre brancos e escravos. A repressão – como era de se esperar – foi violenta. Mais de 200 escravos foram mortos no mesmo dia, além dos presos e condenados à morte em julgamentos sumários. As punições são exemplares, os senhores não se preocuparam em punir quem era mais ou menos culpado. No mesmo dia John Smith é preso e vai a julgamento, acusado de ser conivente com a revolta. A autora mostra como o julgamento “ilumina com claridade rara o abismo ideológico que separa acusadores de acusados” (p. 293). Para os colonos, esse era o momento da vingança: acusar abolicionistas, missionários e aqueles que no Parlamento e na imprensa apoiavam escravos contra seus senhores: “ao atribuir aos outros a culpa pela rebelião, eximiam-se de responsabilidade e liberavam-se de toda a culpa. Eles anunciavam ao mundo que o que motivara os escravos não tinha sido a opressão ou a exploração, mas o engano e a ilusão” (idem). Para Smith, “era sustentar sua inocência, acusar o sistema escravista e condenar a escravidão e, por fim, pronunciar seu último sermão. Dessa vez, entretanto, ele pregaria aos senhores e não aos escravos” (idem). John Smith foi condenado à morte e seu julgamento usado como metáfora, por todos os lados e pelos colonos, para demonstrar a necessidade do sistema escravista e o perigo subversivo inscrito em práticas missionárias na colônia. Outros missionários foram perseguidos e acusados sem provas. Por abolicionistas, para demonstrar os horrores da escravidão e defender suas demandas perante o Parlamento e o mundo. Pelas sociedades missionárias, para defender a importância de suas missões, sendo Smith tratado como mártir. A revolta foi utilizada segundo diversos interesses, tanto no período contemporâneo quanto depois, segundo os diferentes autores de obras que contaram sua história.

Viotti chama a atenção para o modo como as interpretações da revolta são ideológicas. Os abolicionistas culpavam os senhores pela rebelião e os defensores do sistema escravista culpavam os missionários. Nenhum dos lados percebeu os escravos como sujeitos de

sua própria história. Eles aparecem como abstração, sem vontades, percepções e reações próprias. Foram vistos como vítimas ou do engodo dos missionários ou da opressão do sistema. Entretanto, trabalhando com uma vastíssima documentação primária da revolta, aliada a uma ampla bibliografia, a autora resgata não só a voz de colonos e missionários, mas também a dos escravos.

É interessante ressaltar o papel da educação dos escravos. Viotti mostra a percepção que os escravos tinham da importância da educação, sua luta para aprender a ler e escrever e o papel desempenhado pela leitura, quando dá o exemplo de como os escravos liam escondido documentos de seus senhores, aumentando o imaginário coletivo sobre a existência de homens poderosos na metrópole que estariam a seu lado, dando forças para a idéia de uma rebelião. É interessante resgatar a frase de John Smith, numa carta a seu superior: “[...] mas a impressão é de que os fazendeiros não consideram que o aumento do saber entre os escravos exija que se altere o modo de tratá-los” (p. 250).

A historiadora utiliza em seu trabalho fontes primárias diversas como: autos do processo; revistas evangélicas; cartas trocadas entre missionários, superiores, amigos e famílias; diários e jornais de época; além de uma vastíssima bibliografia que abarca desde livros produzidos no período da revolta e clássicos da historiografia, até obras sobre escravidão, lingüística e influências africanas, entre outros assuntos. Aliado a esse vasto material, Viotti, com pertinentes preocupações sobre a história e grande talento literário, produziu um livro que é fundamental para pesquisadores dos assuntos mais diversos. Aqueles que pesquisam escravidão, história da educação, história do protestantismo, bem como interessados pela história em geral, poderão se valer da obra. Emília Viotti da Costa consegue demonstrar, “a partir da análise de um acontecimento histórico particular, que na vida de cada um dos personagens envolvidos pulsam os ritmos da história, que as suas múltiplas subjetividades são tanto constituídas pela história quanto constitutivas da história” (p. 9).

*Surya Aaronovich Pombo de Barros*  
*Mestranda no Programa de História e*  
*Historiografia da Educação da Faculdade de*  
*Educação da Universidade de São Paulo*